



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

HYMNO DE FÁTIMA

(A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO)

Letra do Visconde de Montello

Música do maestro P.º Sabino Pereira

Marchial

portos de amor e de go- so, das ci- dades, da serra e do val to- do cum povo a qui vem pressu

ro- so, vosso po- vo fi- el- Por- tu- gal. On! que bellos os nos- sos des-

ti- - - nos: ver a Deus, fa- ce a fa- ce, sem ven. Nos ge- me- mos na ter- ra pre-

gri- nos, p nossa patria queri- da é o Céu. f Nos gememos na ter- ra pre-

gri- nos, nos- sa patria queri- da é o Céu. D. C.

Hymno de Fátima (A Nossa Senhora do Rosário)

Letra do Visconde de Montello
Música do maestro Padre Sabino Paulino
Pereira

1

*Em transportes de amor e de gozo,
das cidades, da serra e do val,
todo um povo aqui vem pressuroso,
vosso povo fiel — PORTUGAL.*

CORO

*Oh, que bellos os nossos destinos:
ver a Deus, face a face; sem veu!
Nós gememos na terra p'regrinos,
nossa pátria querida é o Céu.*

2

*Aqui vimos, ó doce Maria,
ternos preitos render-vos de amor,
suspirando, de noite e de dia,
refrigério na mágua e na dor.*

CORO

3

*Aqui vimos, com alma contrita,
supplicar ao divino Jesus
o perdão para a culpa maldita,
mil thesouros de graça e de luz.*

CORO

4

*Oromeiro de balde procura
entre os homens a paz descobrir,
nossas almas só acham ventura
nesse vosso tão meigo sorrir.*

CORO

5

*Quando ruge a procella da vida
e nas ondas nos busca tragar,
sois um iris, ó Virgem querida,
sois a mystica estrella do mar.*

CORO

6

*Hoje e sempre rezando o rosário,
essas contas — esferas de luz,
será doce este nosso fadário,
serão leves espinhos e cruz.*

CORO

7

*Quem nos dera, na extrema agonia,
nesse peito, sacrário de amor,
a pobre alma exhalar, ó Maria,
junto á Cruz e na paz do Senhor!*

CORO FINAL

*Oh, salvae-nos da eterna desdita,
para amar-vos fazei-nos viver;
nós queremos, Rainha bendita,
ser fieis a Jesus ou morrer!*

“Voz da Fátima,,

(Subscrição)

Por falta de espaço não foram publicadas em abril todas as quantias até então recebidas, o que também não podemos fazer neste número. Esperamos que em Junho sejam publicadas todas as recebidas e as que se receberem até então.

Aos Rev.^{os} Sacerdotes extra- nhos á Diocese de Leiria

Emquanto não determinar doutra fórma, concedo aos Rev. Sacerdotes extranhos a esta Diocese, durante os dias da sua peregrinação á Fátima, licença para celebrar e jurisdição para confessar conforme os poderes que tenham nas suas Dioceses.

Devem vir munidos com os seus documentos que os Rev. Parochos tem o direito e dever de exigir e examinar.

Quando algum Rev. Sacerdote d'esta ou d'outra Diocese, tiver devoção de celebrar a S. Missa no dia 13 por ocasião da peregrinação, avisará o Rev. Parocho da Fátima que o atenderá, não havendo outro compromisso ou inconveniente.

Leiria, 1 de Maio de 1923.

† JOSÉ, BISPO DE LEIRIA

AVISO

S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria atendendo á grande quantidade de pessoas que desejam receber a S. Comunhão no dia 13 d'este mês de Maio em N. Senhora da Fátima, sendo muito penoso ficarem até tarde em jejum depois de passarem a noite em viagem, concede que se celebre, ás 9 horas da manhã, a Santa Missa no mesmo local e se distribua a qualquer hora a S. Comunhão aos fieis que se apresentarem devidamente preparados.

Antes do sermão, será o S. Sacramento exposto e no fim dada a benção aos doentes, que terão logar reservado, e a todos os presentes.

Todas as pessoas que nesse dia se dirigem áquele local procurem ir com o maior recolhimento e espirito de penitencia.

Que Nossa Senhora alivie os nossos queridos doentes e salve o nosso pobre Portugal!

Nas vespersas do Milagre (II de Outubro de 1917)

Convencido da sinceridade absoluta das tres creanças, que disseram ter visto cinco vezes Nossa Senhora no local denominado Cova da Iria, da freguesia da Fátima, concelho de Vila Nova d'Ourem, e ter ella declarado que no dia 13 de Outubro havia de fazer que todo o povo acreditasse no seu apparecimento, voltámos pela terceira vez áquele povoação. Embora receasemos que as creanças fossem victimas de uma allucinação, hypothese que aliás tudo nos faz repudiar, ou que os acontecimentos extraordinarios que alli se realisavam fossem provocados pelo espirito das

trevas para fins desconhecidos, no nosso espirito ia-se radicando cada vez mais a convicção de que a Fátima era o local destinado pela Rainha do Ceu, Padroeira de Portugal, para theatro de novos prodigios, da sua bondade e misericordia. Por esse motivo resolvemos partir com alguns dias de antecedencia, tomando no dia 10 o comboio, que nos conduziu a Chão de Maçãs, estação do caminho de ferro mais proxima da que talvez venha a ser considerada, por mercê de Deus, a Lourdes ou a La Salette portuguesa. Uma charrete transportou-nos a Vila Nova d'Ourem, donde, depois de havermos trocado impressões com o Rev.^o Parocho daquela villa, sobre os acontecimentos que motivam a nossa viagem, seguimos para a Fátima onde nos apeámos ás 11 horas da noite, dirigindo-nos immediatamente para o logar de Montello, a dois kilometros de distancia.

No dia seguinte de manhã propuzemo-nos ir interrogar novamente os videntes a Aljustrel, onde residem, a tres kilometros de Montello. Antes disso, porém interrogámos Manuel Gonçalves Junior, de 30 annos de idade, casado, homem intelligente e dotado de muito bom senso e de faculdades invulgares de observação.

Depoimento de Manuel Gonçalves Junior

São do teor seguinte as perguntas que lhe fizemos e as respectivas respostas:

— Os paes das creanças de Aljustrel que se dizem favorecidas com appareções de Nossa Senhora tem boa fama, são gente honrada e de bons costumes?

— Os paes do Francisco e da Jacinta são pessoas muito boas, profundamente religiosos e respeitados e estimados por todos. O pae tem fama de ser o homem mais serio do logar. E' incapaz de enganar alguem.

O pae da Lucia frequenta pouco a igreja. Não é, porém, de maus sentimentos. A mãe é uma mulher honesta, religiosa e amante do trabalho.

— O que pensam os habitantes da Fátima a respeito do que as creanças dizem? Não as acreditam? Tem-nas por mentirosas? Ou julgam-nas victimas de uma allucinação?

— A principio o povo não queria ir á Cova da Iria. Ninguem acreditava nas creanças. Em treze de Junho, dia da segunda appareção, havia festa na igreja da freguesia em honra de Santo Antonio. Na Cova da Iria estavam apenas, á hora da appareção, sessenta pessoas. Os pais de Francisco e de Jacinta tinham ido de manhã cedo para Porto de Moz á feira chamada dos treze, com o fim de comprar bois, e regressaram já de noite. Na sua ausencia a casa encheu-se-lhes de gente que queria ver as creanças e fazer-lhes perguntas. Presentemente uma grande parte do povo julga que as creanças fallam verdade. Pela minha parte estou convencido disso.

— Nos dias das Apparições tem havido signaes extraordinarios? Ha muitas pessoas que afirmem tê-los visto?

— Os signaes fôram muitos. Em Agosto quasi todos os que estavam presentes viram esses signaes. Uma nuvem baixou até á carrasqueira. Em Julho notava-se o mesmo. Não havia poeira no local. *A nuvem empou os ares que pareciam ennevoados.*

— Houve mais algum signal?

— Viam-se no ceu, proximo do sol, umas nuvens brancas que se tornaram successivamente vermelhas vivas (côr de sangue), côr de rosa e amarellas. O povo tornava-se desta ultima côr. A luz do sol deminuiu bastante de intensidade. Sentiu-se tambem um rumor de origem desconhecida em Julho e em Agosto.

— Suspeita-se de alguém que tenha induzido as creanças a representar uma comedia?

— Não, nem isso é verosimil.

— Tem vindo muita gente de fóra vêr as creanças e fallar com ellas?

— Tem vindo innumeradas pessôas de toda a parte.

— Ellas acceitam o dinheiro que lhes queiram dar?

— Teem acceitado qualquer coisa, quando teimam muito com ellas, mas não acceitam por sua vontade.

— As familias são pobres? Vivem do seu trabalho? Teem propriedades?

— Não são pobres. São até abastadas. E se a familia da Lucia não o é mais, isso é devido á circumstancia de o pae ser pouco activo, descurando assim o amanho das suas propriedades.

— Ha na Fátima pessôas que tenham estado ao pé das creanças durante as aparições?

— Em Julho estiveram ao pé dellas Jacinto d'Almeida Lopes, do logar da Amoreira e Manoel d'Oliveira, deste de Montello.

— O que faz Lucia durante o tempo da aparição?

— Resa o terço. Quando se dirige á Senhora, falla alto. Eu proprio a ouvi em Junho, porque estava proximo. Algumas pessôas affirmam que ouvem o som das respostas.

— O local das aparições é muito frequentado tambem nos outros dias por pessôas piedosas ou por curiosos?

— E' muito frequentado, sobretudo aos Domingos. A maior concurrencia é á noite. Vão alli muitas pessôas, de perto e de longe, e mais ainda de fóra da freguesia. Rezam o terço e entôam canticos em honra da Virgem.

Terminado este interrogatorio, puzemo-nos a caminho de Aljustrel e, chegado áquelle logar, dirigimo-nos immediatamente a casa de Lucia. Estava junto da sua habitação dando serventia a um pedreiro que concertava o telhado. Logo que nos viu, cumprimentou-nos respeitosamente. A mãe appareceu no mesmo instante e accedeu da melhor vontade ao pedido de nos deixar interrogar novamente a filha. Primeiro, porém, fizemos-lhe algumas perguntas.

Depoimento da mãe da Lucia

— Sua filha é parente do Francisco e da Jacinta?

— E' prima, porque meu marido é irmão da mãe dellas.

— Como soube que Nossa Senhora appareceu a sua filha da primeira vez? Foi ella que lh'o contou?

— Tive conhecimento desse facto pela familia das outras creanças, porque a Lucia a principio guardou segredo e até chegou a aconselhar os companheiros a não dizerem nada com receio de que lhes ralhassem. Só depois de interrogada por mim é que disse o que tinha visto.

— Nunca reprehendeu sua filha por ter ido á Cova da Iria? Deu-lhe sempre inteira liberdade de lá ir no dia 13 de cada mês?

— Nunca a prohibi de ir a esse sitio. Umas vezes perguntava-lhe se queria ir, ella respondia affirmativamente, outras vezes ella mesma dizia que iria se eu lhe dêsse licença.

— As tres creanças costumam ir sós ao local das aparições ou vão acompanhadas de outras creanças?

— Vão sós. Quasi sempre vão tambem outras creanças, mas acompanhadas dos paes e ficam ao pé dellas, não se juntando com a Lucia e os primos della.

— As creanças guardavam gado, não é verdade? A quem é que esse gado pertencia?

— A Lucia guardava um pequeno rebanho de ovelhas e os primos outro. Pertenciam os rebanhos ás respectivas familias. A's vezes juntavam o gado, mas unicamente porque queriam. As ovelhas que a Lucia guardava, já as vendi.

— Como é que as creanças teem ido vestidas?

— Da primeira vez iam mal arranjadas, como andam quasi sempre os pastores. Das outras vezes, no dia 13 de cada mês, vão vestidas de facto claro e levam um lenço branco na cabeça.

— Consta-me que possui um livro intitulado *Missão abreviada* e que ás vezes o lê a seus filhos. E' verdade?

— E' verdade; possuo esse livro e tenho-o lido a meus filhos.

— Leu a historia da aparição de *La Salette* deante da Lucia e de outras creanças?

— Só deante da Lucia e dos outros meus filhos.

— A Lucia fallava ás vezes na historia de *La Salette*, mostrando de qualquer modo que essa historia tinha produzido grande impressão no seu espirito?

— Nunca lhe ouvi dizer nada a esse respeito, se bem me recordo.

— Quando as creanças fôram presas pelo administrador de Vila Nova d'Ourem, foi alguém reclamar que as restituísse aos paes?

— Um irmão do Francisco e da Jacinta foi fallar com ellas a casa do administrador. A senhora do administrador perguntou se ia buscar as creanças, ao que elle respondeu negativamente. Foi o proprio administrador que as veio trazer á Fátima.

— Tem vindo muita gente vêr sua filha?

— Tem vindo muita gente quasi todos os dias.

Concluido este interrogatorio convidámos quatro individuos dignos de todo o crédito a assistir como testemunhas ao interrogatorio da Lucia: Anastacio da Thereza, Gonçalves da Silva, Manoel Henriques, todos de Aljustrel, e Francisco Rodrigues, da Moita do Martinho. Immediatamente demos principio á inquirição da vidente.

Interrogatorio de Lucia

Disseste-me ha dias que Nossa Senhora queria que o dinheiro ofrecido pelo povo fôsse levado para a igreja da freguesia em dois andores. Como é que se arranjam os andores e quando é que elles devem ser levados para a igreja?

— Os andores compram-se com o dinheiro oferecido e serão levados para a igreja nas festas da Senhora do Rosario.

— Sabes com certeza em que sitio é que Nossa Senhora deseja que seja edificada uma capella em sua honra?

— Não sei ao certo, mas julgo que quer a capella na Cova da Iria.

— O que é que Ella disse que havia de fazer para que todo o povo acreditasse que ella appareceu?

— Disse que havia de fazer um milagre.

— Quando foi que ella disse isso?

— Disse-o umas poucas de vezes, mas só uma vez, na occasião da primeira aparição, é que lhe fiz a pergunta.

— Não tens medo que o povo te faça mal se não vir nada de extraordinario nesse dia?

— Não tenho medo nenhum.

— Sentes dentro de ti alguma coisa, alguma força que te arraste para a Cova da Iria no dia 13 de cada mês?

— Sinto vontade de lá ir e ficava triste se não fôsse.

— Viste alguma vez a Senhora benzer-se, rezar, ou desfiar as contas do Rosario?

— Não vi.

— Mandou-te rezar?

— Mandou-me rezar umas poucas de vezes.

— Disse-te que rezasses pela conversão dos peccadores?

— Não disse; mandou-me só rezar a nossa Senhora do Rosário para que acabasse a guerra.

— Viste os signaes que as outras pessôas dizem ter visto, como uma estrella, rozas a despregarem do vestido da Senhora, etc.?

— Não vi a estrella nem outros signaes extraordinarios.

— Ouviste algum rumor, trovão ou tremor de terra?

— Nunca ouvi.

— Sabes lêr.

— Não sei.

— Andas a aprender a lêr?

— Não ando.

— Como cumpres então a ordem que a senhora te deu n'esse sentido.

— !

— Quando dizes ao povo que ajoelhe e reze, é a Senhora que manda que o digas?

— Não é a Senhora que manda, sou eu que quero.

— Sempre que ella apparece, tu ajoelhas.

— A's vezes fico de pé, outras vezes ajoelho-me.

— Quando falla, a sua voz é doce e agradável?

— E'.

— Que idade parece ter a Senhora?

— Parece ter uns quinze annos.

— De que côr é o cadeado do Rosario?

— E' branco.

— E a do crucifixo?

— O crucifixo tambem é branco.

— O veu cobre a testa da Senhora?

— Não cobre, vê-se-lhe bem a testa.

— O esplendor que a envolve é bonito?

— E' mais bonito que a luz do sol e muito brilhante.

— A Senhora nunca te saudou com a cabeça ou com as mãos?

— Nunca.

— Nunca se sorriu para ti?

— Tambem não.

— Costuma olhar para o povo?

— Nunca a vi olhar para elle.

— Ouves as conversas, rumores e gritos do povo durante o tempo em que estás vendo a Senhora?

— Não ouço.

— A Senhora pediu-te em Maio que voltasses todos os meses até Outubro á Cova da Iria?

— Disse que voltassemos lá de mês a mês, durante seis mezes, no dia 13.

— Ouviste lêr a tua mãe o livro chamado *Missão abreviada*, onde se conta a historia da appareição de Nossa Senhora a uma menina?

— Ouvi.

— Pensavas muitas vezes nessa historia e fallavas della a outras creanças?

— Não pensava nessa historia nem a contei a ninguem.

Concluida esta inquirição, dirigimo-nos a casa das outras duas creanças, procedendo alli á sua inquirição, na presença do pae e de algumas das irmãs.

Interrogámos primeiro a Jacinta.

Interrogatorio da Jacinta

— A Senhora recommendou que rezassem o terço?

— Recomendou.

— Quando?

— Quando appareceu pela primeira vez.

— Ouviste tambem o segredo ou foi só a Lucia que o ouviu?

— Eu tambem ouvi.

— Quando o ouviste?

— Da segunda vez, no dia de Santo Antonio.

— Esse segredo é para serem ricos.

— Não é.

— E' para serem bons e felizes?

— E'. E' para bem de todos tres.

— E' para irem para o Ceu?

— Não é.

— Não podes revelar o segredo?

— Não posso.

— Porque?

— Porque a Senhora disse que não isseesemos o segredo a ninguem.

— Se o povo soubesse o segredo, ficava triste?

— Ficava.

— Como tinha a Senhora as mãos?

— Tinha-as erguidas.

— Sempre erguidas?

— A's vezes voltava as palmas para o ceu.

— A Senhora disse em Maio que queria que fôssem á Cova da Iria mais vezes?

— Disse que queria que fôssemos lá durante seis meses, de mês a mês, até que em Outubro dissesse o que queria.

— Ella tem na cabeça algum esplendor?

— Tem.

— Podes olhar bem para o rosto?

— Não posso, porque faz mal aos olhos.

— Ouviste sempre bem o que a Senhora disse?

— Da ultima vez não ouvi tudo por causa do barulho que o povo fazia. Segue-se a inquirição do Francisco.

Interrogatorio do Francisco

— Que idade é que tens?

— Tenho nove annos feitos.

— Só vês a senhora ou ouves tambem o que Ella diz.

— Só a vejo, não ouço nada que Ella diz.

— Tem algum clarão em volta da cabeça?

— Tem.

— Podes olhar bem para a cara della?

— Posso olhar, mas pouco, por causa da luz.

— Tem alguns enfeites no vestido?

— Tem uns cordões de ouro.

— De que côr é o crucifixo do Rosario?

— Tambem é branco.

— O povo ficava triste se soubesse o segredo?

— Ficava.

V. de M.

Cura de D. Thereza de Jesus Martins

D. Thereza de Jesus Martins, de 19 annos de idade, casada com Antonio Coelho Lucas, empregado publico, moradora na Avenida das Côrtes, 111, 4.º, E., Lisboa, começou a sentir-se muito fraca, três meses depois do seu casamento, celebrado a 3 de Dezembro de 1921 na freguesia de A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras, onde nasceu e vivia com sua familia e donde nesse mesmo dia retirou para a capital.

Receando causar inquietação ao marido, não lhe quiz a principio dizer nada ácerca do seu estado de saude, mas, como algum tempo depois deitasse sangue em abundancia pela boca, apressou-se a pô-lo ao corrente do que se passava. De accordo com elle foi consultar o sr. dr. Cassiano Neves, que reconhecendo a sua extrema fraqueza e verificando que o pulmão direito estava affectado, lhe recommendou uma alimentação substancial e um repouso absoluto.

Algum tempo depois procurou o dr. Vicente Pedro Dias, que, tendo-a observado e constatado a existência de hemoptises a aconselhou a mudar de ares, saindo de Lisboa. Por duas vezes passou uma temporada na terra da sua naturalidade, regressando um pouco melhor á capital, mas peorando algumas semanas mais tarde e da segunda vez consideravelmente, tornando-se o seu estado mais grave do que nunca. Na esperança de que mudando de médico e de tratamento obteria as melhoras que tanto desejava, procurou no seu consultório da Rua do Alecrim o dr. António Augusto Fernandes, o qual diligenciou interná-la no sanatório de Portalegre, o que não conseguiu por não haver vaga naquella occasião, indo por esse motivo a enferma provisoriamente para o pavilhão de tuberculosos n.º 5 do hospital do Rego, no Campo Grande. Não podia, comtudo, resignar-se a ficar no hospital, isolada da familia, no meio de pessoas desconhecidas. A cama que lhe destinaram tinha o numero 13. Esta circunstância affligiu-a tanto que chegou a dizer á enfermeira que preferia morrer aos pés da cama a deitar-se nella. A sua afflicção tornou-se ainda maior quando, por indiscricção de uma empregada, soube que estava tuberculosa. Insistiu por isso com o mais vivo empenho para que, sem demora, lhe fôsse dada alta, pois desejava ir morrer nos braços da mãe. Ao mesmo tempo escreveu ao marido e á madrinha de casamento, D. Berta Guimarães de Carvalho (Chancelleiros), moradora no mesmo prédio da Avenida das Côrtes, 2.º andar, pedindo que a tirassem do hospital, porque, como ella se expressava, não podia lá estar de maneira nenhuma.

Antes da sua entrada no pavilhão, a madrinha dera-lhe um frasco com agua de Lourdes e outro, mais pequeno, com agua de Fátima. A doente já tinha ouvido fallar de Nossa Senhora de Fátima, mas não sabia que a Virgem Santissima havia apparecido alli e que muitas curas extraordinárias eram atribuidas á sua intercessão. No próprio dia em que entrou no hospital, logo que teve conhecimento de que estava tuberculosa e não simplesmente fraca, como até então julgara, sentiu uma tão grande confiança em Nossa Senhora de Fátima, que se poz a invocá-la debulhada em lágrimas e prometeu que, se ella houvesse por bem curá-la, faria uma peregrinação ao seu santuário, oferecendo nessa occasião duas velas de cêra da sua altura e percorrendo de joelhos a distância que lhe fôsse possível até junto da sua veneranda Imagem. Todos os dias renovava as suas supplicas cada vez com mais fervor, recitando o terço do Rosario e tomando desde o primeiro dia algumas gottas de agua da fonte da Cova da Iria. Entretanto o marido e a madrinha responderam-lhe, procurando convencê-la de que para seu bem devia continuar no hospital. No quarto dia apoderou-se do seu espirito uma tristeza tão profunda que, apesar da opinião contrária do marido e da madrinha, pediu novamente alta ao médico, que

se recusou a dar-lha, observando que ella não se achava em estado de ir para casa.

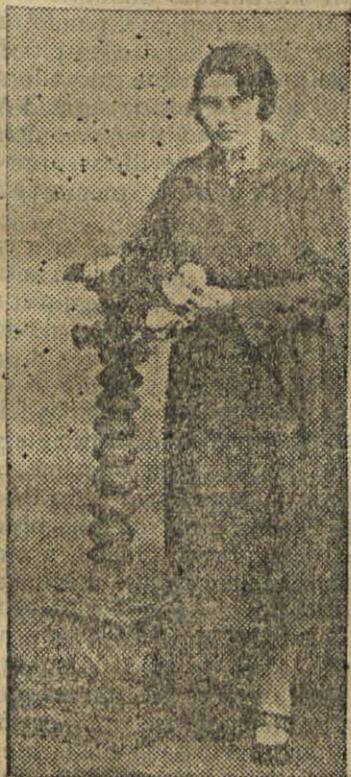
Chorou porém, e insistiu tanto para que lhe fizessem a vontade que lhe permittiram sahir.

Sem avisar a familia, encaminhou-se logo em direcção a um electrico, para o qual subiu com muita dificuldade. Se não fôra a caridade de alguns passageiros, teria cahido desamparada no chão, exausta de forças.

Tendo-se apeado ao pé da porta da rua, subiu a muito custo e muito devagar as escadas. Em casa estava a sogra que, vendo-a naquelle estado, extremamente magra, fraquissima e com uma pallidez cadaverica, desatou a chorar.

A' noite chegou o marido que ficou consternado ao vê-la tão mal e a quem disse que, sabendo que estava tuberculosa e completamente perdida, desejava ir morrer junto da mãe.

Quatro dias depois partiu para a terra da sua naturalidade. Alli conti-



D. Thereza de Jesus Martins

nuou a rezar a Nossa Senhora de Fátima e a ingerir algumas gottas de agua da fonte do local das aparições.

Logo que bebia um golinho de agua e fazia as suas orações, as pontadas de que soffria desapareciam como que por encanto e sentia-se alliviada, satisfeita e bem disposta.

Nunca deixou de rezar o terço, o que fazia duas e três vezes em alguns dias. Um mês depois estava completamente curada. De dia para dia, desde que começou a beber a agua de Fátima, quando ainda estava no Pavilhão, o sangue que deitava pela bocca era menos abundante. Oito dias depois de ter chegado á terra da sua naturalidade, o fluxo de sangue acabou e a febre passou-lhe quasi de todo. Ao cabo de três semanas, as pontadas tinham desaparecido.

Precisamente nessa occasião exgotara-se a pequena provisão de agua de Fátima, que a madrinha lhe tinha

fornecido. Após dois meses e meio de permanencia na terra, regressou a Lisboa. Foi no dia 17 de Outubro. Nesse dia, antes de partir, tomou uma colher de agua de Fátima que lhe deram umas senhoras do seu conhecimento. Foi a última vez que bebeu dessa agua. A 25 do mesmo mês voltou ao consultório do dr. Fernandes para que elle examinasse o seu estado. Ao vê-la na sua presença, tão differente do que era, forte, gôrda, córada e apparentando uma saude esplendida, o illustre clinico não poude reprimir um movimento de surpresa. Observou-a com toda a attenção e minuciosidade e por fim declarou que, tendo-a julgado perdida, a achava agora completamente curada, o que reputava inexplicavel, quer se considerasse o estado desesperado da enferma, quer se considerasse a rapidez como se tinha effectuado a cura.

Atestado médico

António Augusto Fernandes, médico pela Faculdade de Medicina do Porto:

Attesto que a sr.^a D. Thereza de Jesus Martins, de 19 annos de idade, natural de A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras, foi por mim tratada em Junho e Julho de 1922, de tuberculose pulmonar, com hemoptises, febre vespéral, emmagrecimento, suores nocturnos; hoje não subsistem sinais clinicos dessa doença.

E por ser verdade passo o presente que assigno e juro por minha honra.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1923.

(a) Antonio Augusto Fernandes

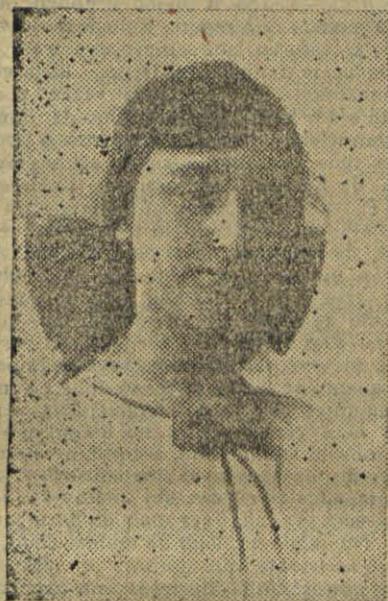
(Segue o reconhecimento)

V. de M.

Cura da menina Maria Amalia Canavarro

Maria Amalia do Amaral de Passos de Sousa Canavarro, que completará 13 annos de idade no dia 13 do próximo mês de Julho, filha do dr. João de Passos de Sousa Canavarro e de D. Amalia do Amaral Cabral de Sousa Canavarro, já fallecida, natural e moradora em Santarem, mas vivendo accidentalmente em Lisboa, na Travessa de Santa Gertrudes, n.º 6, foi assistir na sexta-feira, 23 de Fevereiro, á solemne procissão do Senhor dos Passos na igreja da Graça, apesar de sentir desde pela manhã um leve incomodo de saúde de que não se queixou logo com receio de que a não deixassem sair e a que de principio não ligou nenhuma importancia. No dia seguinte, porém, o thermometro acusava a existencia de alguma febre, tendo sido por esse motivo prevenido o médico da familia, dr. António Pereira Cabral, que, achando-se um pouco adoentado e não podendo por isso visitar a enferma nesse dia, recomendou que lhe fizessem o mesmo tratamento que havia prescripto para as irmãs, as quais todas recentemente tinham tido sarampo. A doença ia seguindo com regularidade o seu curso, quando cinco dias depois, quarta-feira, vinte e oito, o estado da enferma se aggravou de repente, sobrevindo-lhe á noite uma especie de desmaio, de caracter profundamente assustador. Passou toda a noite muito mal. Na quinta-feira de manhã foi presa de um ataque violentissimo. A cara e as mãos tornaram-se roxas, os olhos embaciaram-se, ficando todas as pessoas que rodeavam o leito da pobre menina plenamente convencidas de que eram chegados os seus ultimos momentos. Causava immenso dó vê-la soffrêr tanto. O coadjutor da freguezia de Santa Izabel, que foi mandado chamar com urgencia, apressou-se a

vir, administrando-lhe o sacramento da Extrema-Unção. O estado da enferma era considerado quasi desesperado. Durante todo o dia esteve gemendo continuamente sem ver nem ouvir e sem responder ás perguntas que lhe faziam. Os olhos tão depressa se lhe envidraçavam, como recuperavam a sua limpidez habitual. O dr. Figueiredo Valente, que a veio ver pela primeira vez na quarta-feira á noite, julgando reconhecer alguns dos symptomas da meningite, ordenou que sem demora se fizesse uma punção na columna vertebral, constatando a analyse do liquido extrahido a existencia de uma infecção nas meninges, proveniente do microbio do sarampo. A punção realisou-se ás cinco horas da tarde e foi feita pelo dr. Romão Ferreira Loff. A noite immediata foi horrivel, tendo o diagnostico de meningite sido comprovado pelos gemidos e gritos característicos dessa afecção que duraram toda a noite. No dia seguinte, primeira sexta-feira de Março, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, cuja imagem tinha sido enthronizada no lar desta familia cristã, foi chamado o confessor da casa para administrar o sacramento da Penitencia á enferma, o que não lhe foi possível, porque ella nem sequer o reconheceu. A baronesa de Almeirim, tia pater-



Menina Maria Amalia Canavarro

na da menina e senhora de acrisolados sentimentos religiosos, pediu ao respeitavel sacerdote, quando este se despedia, que obtivesse de pessoa conhecida alguma porção de agua de Lourdes para a dar a beber á sobrinha, pois em casa já não havia dessa agua, que aliás costumavam ter

Elle assim o prometteu, dizendo que, logo que a alcançasse, se daria pressa em vir trazê-la aquella familia, que com tanta pena sua via immersa na maior afflicção e angustia. Algumas horas mais tarde appareceu uma senhora das relações da familia que, informada pelo referido ecclesiastico de tudo quanto se estava passando e do pedido da baroneza, se offerecera paratir pessoalmente levar não só agua de Lourdes, como tambem terra de Fátima e uma lasca do tronco da azinheira em que, segundo o depoimento dos videntes de Aljustrel, Nossa Senhora do Rosário pousava os seus pés virginaes durante as aparições. Na occasião em que chegou essa senhora estavam fazendo uma conferencia o médico assistente e os drs. Figueiredo Valente e Simões Ferreira. A opinião unanime dos tres distinctos clinicos depois de examinarem attentamente o estado da enferma foi que ella se achava perdida sem remédio.

Debalde se tinha lançado mão de todos os recursos da sciencia e nada mais era possível experimentar para salvar a enferma. A baronesa, no auge da afflicção, fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima para obter da sua misericordia um milagre em favor da sobrinha querida. As creadas choravam convulsamente. As irmãs da enferma, Maria da Conceição, Maria Luiza, Izabel Maria e Maria do Carmo, todas mais novas do que ella, excepto a primeira, que vai fazer quatorze annos, não fizeram outra coisa senão perguntar, numa ansiedade indiscretivel, ás pessoas que se cruzavam

nos corredores, se a Amalinha já tinha morrido.

Logo que os médicos, terminada a conferencia, se despediram e retiraram, as creadas fôram aquecer agua para misturar com a terra do local das aparições. A baroneza não quiz intencionalmente utilizar-se da água de Lourdes, para que a cura da sobrinha, a verificar-se, como esperava, constituisse uma prova evidente da origem sobrenatural dos acontecimentos maravilhosos de Fátima. Entretanto foi collocada a lasca do tronco da azinheira na mão da enferma, que não a sentia nem tinha forças para a sustentar.

Uma das pessoas que lhe assistiam na doença explicou o que era esse objecto e pediu-lhe que o accettasse. A menina ouviu a explicação e o pedido e tentou fechar a mão, o que conseguiu, segurando assim a reliquia da azinheira. Momentos depois a tia perguntou-lhe se queria tomar uma colher de água com terra de Fátima, respondendo-lhe ella affirmativamente só com a cabeça porque ainda não podia fallar.

Foi preciso introduzir-lhe a água pelos cantos da bocca, porque lhe era impossível abri-la. Tendo lhe uma pessoa de familia recommendado que dissesse a jaculatória «Nossa Senhora de Fátima, rogae por mim», proferiu-a com viva piedade, mas fazendo um enorme esforço. A pouco e pouco, porém, á medida que repeta a piedosa invocação, o esforço que empregava para a pronunciar ia diminuindo. Depois dizia espontaneamente e frequentes vezes com uma fé e um fervor tão do intimo da alma que comoviam as pessoas presentes a ponto de lhes arrancar lágrimas. «Nossa Senhora de Fátima, soccorrei-me, soccorrei-me!» Passados poucos minutos começou a fallar. Mudou o bocado do tronco da azinheira de uma das mãos para a outra. A tarde reconheceu o confessor que tinha vindo saber do seu estado, ficando muito contente por lhe ter ouvido affirmar que não se esqueceria de rezar pela sua cura. Nessa mesma tarde interessava-se já por tudo quanto se dizia em torno della, e no dia seguinte, de manhã, conversava sem custo nem cansaço e a luz do sol não a incomodava, assim como, á noite, nenhuma impressão desagradavel lhe causava a luz das lampadas electricas. As melhoras accentuavam-se cada vez mais de hora para hora. No domingo, logo de manhã cedo, o médico assistente, que durante as três ultimas noites tinha dormido em casa da enferma, examinou-a detidamente e apressou-se a declarar, com surpresa e alegria que mal podia reprimir, que ella estava completamente livre de perigo.

Apezar da natureza e gravidade da doença, a menina não sofre de amnesia nem ficou com qualquer outro defeito.

Actualmente, onze de Abril, apresenta um aspecto excellente e está bastante nutrida.

Desde a tarde de sexta feira, dois de Março, tem manifestado várias vezes o seu vivo desejo de ir á Fátima, dizendo que não quer que ninguem lhe pague o bilhete do caminho de ferro, pois o ha de pagar á sua custa, com o producto do seu trabalho...

Lá irá effectivamente a piedosa menina, no dia treze de Maio, a essa terra privilegiada do Ceu, não no comboio, mas de automovel, juntamente com sua familia, afim de agradecer á augusta Virgem do Rosário a cura extraordinária de que foi objecto.

Atestado médico

António Parreira Cabral, médico cirurgião pela Universidade de Coimbra, declara que tratei a menor Maria Amalia Amal Cabral de Sousa Canavarro, de meningite, consecutiva a sarampo, diagnostico confirmado pela analyse do liquido cephalo-rachidiano. Esteve a doente em estado de cama absoluto e chegou a ser o prognostico, o mais carregado possivel. Após 48 horas de therapeutica intensiva, desapareceram os symptomas mais alarmantes e a convalescencia decorreu sem complicações. A sua Fé viva em que Nossa Senhora de Fátima a melhoraria depressa, por certo foi poderoso auxiliar na rapidez da convalescencia. O que por ser verdade attesto e assigno.

Lisboa, 27 de Abril de 1923.

(a) Antonio Parreira Cabral

Segue o reconhecimento. V. de M.

A peregrinação nacional (13 de Maio de 1922)

Dia 13 de Maio de 1922 !

Que deliciosas recordações não suscita esta data memoravel nas almas crentes e piedosas de um paiz inteiro ! Cinco annos são passados depois que, segundo o testemunho de tres innocentes creanças, a augusta e gloriosa Rainha do Ceu se dignou apparecer pela primeira vez na cumeada da serra d'Ayre para derramar graças de predilecção sobre o povo que a havia escolhido como sua Padroeira.

Fátima ! E' para esta terra bemdita, para o seu imponente santuario, que tem por pavimento a montanha, por paredes o horisonte e por cupula a abobada celeste, para a sua singela capellinha, que mãos sacrilegas ou saram tocar, para a sua fonte maravilhosa, manancial perenne de curas extraordinarias, é para este verdadeiro cantinho do Paraiso que no dia de hoje se volvem, de todos os pontos de Portugal, os olhos e os corações de centenas de milhares de fieis !

Nesta hora solemne entre as mais solemnes, não ha cidade por mais remota e esquecida, não ha aldeia, ainda a mais humilde e ignorada, onde ao menos alguns labios não suspirem, tremulos de commoção, o nome dulcissimo de Fátima, onde sequer alguns corações não palpitem de jubilo e entusiasmo ao evocar o suave e mystico encanto que este nome encerra.

Ainda ha bem pouco tempo Fátima era apenas uma insignificante e quasi desconhecida povoação, perdida na serra d'Ayre, occulta entre massas gigantescas de montanhas cobertas de sotos de carvalheiras e pinheiras.

E comtudo hoje, de um extremo ao outro de Portugal, milhões de vozes a proclamam a terra privilegiada entre as terras onde as almas atribuladas, os corações doloridos e os corpos martyrisados vão buscar luz e conforto, alegria e paz, remedio ou lenitivo para as suas maguas, para as suas angustias, para os seus incomportaveis soffrimentos physicos ou moraes. Effectivamente a outrora ignorada Fátima é hoje o mais bello centro de devoção a Nossa Senhora no nosso paiz e um dos maiores do mundo.

A' voz augusta da Mãe de Deus, que se dignou apparecer a trez humildes pastorinhos, centenas de milhares de peregrinos e visitantes acorrem de toda a parte em ondas impetuosas com um entusiasmo que recorda o das Cruzadas e perante o santuario commemorativo das aparições desilam cheios de respeito e veneração e com as almas a trasbordar da mais intima e mais pura alegria.

Como são simultaneamente comoventes e grandiosos na sua incomparavel simplicidade esses cortejos interminaveis que circulam naquella immensa esplanada, entoando os louvores da Virgem do Rosario !

Que espectáculo suprehendente nos oferece a multidão immensa dos abandonados da sciencia humana que alli vão buscar remedio, lenitivo ou

conforto para as suas terriveis enfermidades !

Salvé, Fátima, formoso oasis do deserto da vida, jardim perfumado pelas brisas do Ceu, terra sagrada e bemdita, onde cada rochedo assigna-la um prodigio e cada pedra é testemunha de uma benção da augusta Virgem do Rosario !

Salvé, Fátima, mil vezes salvé !

Ha pouco mais de um anno, em 6 de Março de 1922, ás horas mortas da noite, a ordeira e pacifica população de Fátima acordava sobresaltada com o echo formidavel da explosão de quatro bombas de dynamite, collocadas por mãos criminosas de sectarios facciosos e intolerantes no interior da modesta ermida que a piedade popular tinha erguido na «Cova da Iria» como padrão commemorativo das aparições. A noticia do he-diondo e sacrilego attentado voou com a rapidez do relampago de um extremo ao outro do paiz e provocou em todas as almas bem formadas um sentimento unanime de indignação e de protesto, pondo mais uma vez em destaque essa pittoresca aldeia graciosamente alcandorada num dos contrafortes da serra d'Ayre, onde ha cinco annos se deram acontecimentos maravilhosos que já mais se apagarão da memoria dos homens.

Toda a imprensa se referiu com palavras de viva reprovação a esse attentado cujo echo se repercutiu nas duas casas do parlamento, tendo o governo promettido pela voz do ministro das colonias castigar os seus auctores com todo o rigor das leis e sem contemplanções de especie alguma. No dia 13 do mesmo mês, por iniciativa do rev. Parocho, realisou-se em Fátima uma solemne procissão de desagravo. Quatro a cinco mil pessoas acompanharam o magestoso cortejo desde a egreja parochial até ao logar das aparições num percurso de cerca de tres quilometros. Nesse local deviam já estar naquelle momento mais de seis mil pessoas. Num altar improvisado em frente da capella, celebrou-se uma missa campal, durante a qual a multidão ajoelhada rezou, com recolhimento e fervor, o terço do Rosario. Era sobremaneira tocante o espectáculo daquella immensa multidão, de mãos postas e orando, em que se viam pessoas de todas as classes e condições sociaes. Foi uma grandiosa e sentida manifestação de fé e piedade, que não teria revestido tamanho brilho e imponencia, se não fôra o repugnante e execrando attentado.

Mas a piedade dos catholicos, offendidos no mais intimo, mais delicado e mais respeitavel dos seus sentimentos, não ficava plenamente satisfeita com este acto solemnisimo de desagravo.

Expontaneamente, sem convites, sem preparativos de especie alguma, um movimento nacional de fé e reparação começa a esboçar-se, toma vulto e cresce desmesuradamente de dia para dia até se converter em 13 de Maio na mais extraordinaria e significativa manifestação religiosa dos ultimos tempos em Portugal.

Desejando presenciar essa scena de incomparavel belleza, esse espectaculo assombroso e empolgante que por todos os titulos devia revestir a grandiosidade de uma authentica apothese, tomámos o comboio que parte da estação do Rocio ás seis horas e cincoenta minutos da tarde. Eram quasi onze horas da noite quando chegámos a Torres Novas. No hotel daquela pittoresca villa extremenha já não havia então um unico quarto disponivel. Valeu-nos nessa contingencia imprevisita a gentileza captivante de um médico nosso amigo que providencialmente encontrámos e que com a fidalga hospitalidade tradicional em sua familia nos offereceu em sua casa pousada e gasalhado que accitámos gostosamente. Durante toda a noite passaram sem cessar grupos de peregrinos que, pelos caminhos asperos e pedregosos da serra, se dirigiam para a Fátima. No dia seguinte de manhã havia na historica villa um movimento desusado, só comparavel com o dos dias mais festivos do anno. Nas esquinas das ruas estão affixados exemplares de um pasquim intitulado *A Comedia de Fátima* e de um manifesto em resposta subordinado á epigrapha *Uma especulação reaccionaria*. E' mais um episodio eloquentemente significativo da eterna lucta entre o bem e o mal.

Centenas de peregrinos visitavam as egrejas, assistiam ás missas, commungavam e, após a acção de graças, encaminhavam-se para a praça atulhada de *camions, camionetes, automoveis, trens* e outros vehiculos, afim de occuparem os logares que lhes estavam reservados. Os trens partiram primeiro, tomando a direcção de Pedrogam e subindo lentamente a estrada da serra, pittoresca em extremo, mas bastante ingreme. Pouco depois das oito horas põem-se em andamento os *camions* e automoveis que, por não poderem atravessar a serra, teem de fazer um percurso quasi tres vezes mais longo, dando a volta por Villa Nova d'Ourem. O automovel que nos transporta adianta-se a todos os outros. Duas horas mais tarde, depois de contemplarmos por momentos o historico castello de Ourem, de que foi titular o Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, subiamos com a velocidade de quarenta kilometros á hora, a linda e magnifica estrada que conduz directamente a Fátima. Era constante o transito de vehiculos de toda a especie, desde os automoveis luxuosos até aos carros das fainas agricolas e ás carroças mais ordinarias. Ranchos de homens e mulheres de todas as edades e condições seguiam a pé para a Fátima, rezando o terço do Rosario ou entoando canticos sagrados. Na vespera e durante toda a manhã choveu sempre, com pequenas intermittencias. Estainos já no alto da serra, donde se desfructa um lindissimo panorama. Parámos junto da egreja parochial, que anda em obras, as quaes se vão realisando muito lentamente por falta de recursos.

Entrámos, ouvimos missa e commungámos. Tomado algum alimento, incorporámo-nos na procissão, que entretanto se tinha organizado e

se punha já em marcha para a «Cova da Iria». E' uma visão de paraíso que encanta e commove até ás fibras mais intimas da alma. O governador civil de Santarem tentara impedir a todo o custo o cortejo religioso que classificava de «parada das forças reaccionarias de todo o paiz». Felizmente o administrador do concelho numa attitude digna e correcta e sobremodo prestigiosa para as Instituições, houve por bem não cumprir as ordens do governador civil, que por sectarismo estreito e odio não hesitava em commetter um inqualificavel abuso de auctoridade. O presidente do ministerio, entrevistado por um jornalista catholico, affirmou de um modo peremptorio que o governo não tinha prohibido a peregrinação a Fátima.

E effectivamente, em que soffriam as Instituições ou em que perigava a Republica com aquella romagem piedosa? A procissão proseguia lentamente a sua marcha ovante em demanda do sitio das aparições. De todas as estradas, caminhos e veredas continúa a chegar gente, vinda de perto e de longe, que avança sob a chuva, de cabeça descoberta. Ao meio dia, á chegada da procissão, o espectaculo tornou-se soberbo, unico, indistinctivo.

Segundo o calculo de officiaes do estado-maior, pessoas competentes e desapaixonadas, que estavam presentes e com quem fallamos, o total daquele oceano humano devia ser superior a sessenta mil pessoas.

Ecclesiasticos, titulares, magistrados, parlamentares, officiaes, professores dos mais importantes estabelecimentos de ensino, medicos, advogados, jornalistas, grandes proprietarios do Norte, da Extremadura, das duas Beiras e do Alentejo, senhoras da primeira nobreza de Portugal, caminhavam numa promiscuidade altamente commovedora, irmanados pela mesma Fé e pelos mesmos sentimentos, lado a lado de homens e mulheres da mais humilde condição social, de pobres e rudes mas dignos e honrados habitantes das aldeias e dos campos.

Eram dois rios de gente que iam juntar as suas aguas caudalosas e as suas vagas gigantescas naquella vastissima bacia cingida de collinas e outeiros.

Em torno da capella dezenas de milhares de pessoas aguardavam ansiosamente a chegada do colossal e imponentissimo cortejo.

Resplandecendo de uma formosura soberanamente ideal, a veneranda imagem de Nossa Senhora de Fátima, precedida de irmandades, jóvens catholicos, anjos, virgens, cruces, cirios e bandeiras, é levada num andor aos hombros de aristocratas da mais alta linhagem e de humildes filhos do povo. Entre a assistencia vêem-se duas mulheres vestidas de preto que se tornam alvo da attenção e curiosidade sympathica dos peregrinos: são Maria Rosa, mãe da Lucia, a protagonista das aparições, que está sendo educada num collegio do norte, e Olympia de Jesus, mãe dos seus co-videntes, Francisco e Jacintho, já fallecidos. Entretanto

a chuva cessara de cahir. Meia hora depois começa a missa campal celebrada num altar improvisado junto das ruinas da capella pelo rev. Agostinho Marques Ferreira, parcho de Fátima.

O astro-rei brilhava em pleno zenith, cortejado de nuvens diaphanas e de uma alvura purissima de neve. O silencio incomparavel dos momentos solemnes, é profundo. Depois toda aquella mole immensa de povo ajoelha, reza e canta. A' elevação todos curvam a cabeça e ao *Sanctus* e ao *Agnus Deis* todos ferem o peito testemunhando assim o ardor da sua crença, espontaneamente e sem respeitos humanos. Um côro immenso então o «Bemdito». Centos de fieis recebem o Pão dos Anjos de mãos postas e orando com fervor. Veem-se muitos olhos marejados de lagrimas. Um effluvio do alto, um sopro divino parece perpassar aavez das almas. Dir-se-ia que se respira alli a largos haustos uma atmosfera saturada de sobrenatural.

Julgamo-nos por momentos em Lourdes, nas margens do Gave, junto da gruta de Massabielle á assistir á missa, ou na esplanada do Rosario durante a procissão do Santissimo Sacramento. Terminada a missa o distincto orador sagrado rev. dr. José Pedro Ferreira, sobe ao pulpito e disserta sobre a Fé e a devoção á Virgem, no meio do mais respeitoso silencio. apesar de, como elle proprio disse no principio do sermão, não poder ser ouvido sequer por uma decima parte da assistencia. De novo se organisa a procissão para o regresso. Nella se incorporaram pessoas de todas as classes e condições sociaes.

Reza-se o terço e então-se canticos, como na ida.

Em torno da fonte que brotou proximo da capella, em Novembro, pouco depois da primeira missa campal, vêem-se numerosos peregrinos bebendo agua ou enchendo com ella recipientes de todos os feitios e tamanhos que guardam religiosamente e levam para suas casas. Junto da capella derrocada pelas bombas explosivas, ricos, remediados e pobres offerecem os seus donativos para a construcção do projectado santuario em honra de Nossa Senhora do Rosario. Os grupos vão-se dissolvendo pouco a pouco. São cinco horas da tarde. O nosso automovel conduz-nos a Torres Novas e dali, depois de jantar, á estação do Entroncamento, onde ás nove horas e trinta e cinco minutos tomamos o rapido Porto-Lisbõa, levando connosco a recordação imperecivel de tantas scenas de uma belleza e magestade supremas e a saudade ineffavel daquelles logares bemditos, em que a alma se sente liberta dos liames do corpo, mais longe da terra, mais perto de Deus...

V. de M.

A VOZ DA FÁTIMA é distribuida gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima. Quem enviar á redacção a quantia de dez mil réis, terá direito a recebe-la pelo correio durante um anno.

13 de Abril

No dia 13 de Abril último no local ora celebre e histórico a que o povo na sua linguagem singela chama prosaicamente desde tempos immemoriais, *Cova da Iria*, realiso-se, piedosa e sentidamente, a commemoração mensal das aparições de 1917.

Celebrou a missa campal, que principiou ao meio dia solar, o rev. Manuel Vicente Caetano, parochio da freguesia das Lapas, concelho de Torres Novas, acolytado pelo rev. Agostinho Marques Ferreira, parochio de Fátima.

Durante toda a manhã os peregrinos accorrem em grande numero ao local das aparições, que estava rodeado de numerosos vehiculos de varias especies. Quando principiou a missa, achavam-se presentes cerca de duas mil pessoas. Densas nuvens corriam no firmamento, mas só depois da communhão começou a cair uma chuva muito miudinha que não incommodava ninguém.

Durante a missa, na forma do costume, rezou-se o terço, fizeram-se as commoventes invocações de Lourdes e á communhão, que durou dez minutos, cantou-se o Bemdito.

O sermão, pregado pelo rev. dr. Manuel Marques dos Santos, professor no Seminário de Leiria, versou sobre a parábola evangélica da figueira esteril. Depois de expôr a parábola, o orador passou a explicá-la numa linguagem clara e accessivel ao auditorio composto na sua grande maioria de gente do povo. O mundo, disse elle, é o campo e nós somos as figueiras.

Muitas vezes produzimos maus frutos, o que é ainda peor do que não produzir nenhuns. O agricultor que intercede por nós no Céu junto de Deus é a Santissima Virgem. Supplica-lhes que não nos arranque do mundo para nos precipitar no inferno. Sendo Mãe de Deus humanado por nosso amor, é tambem nossa Mãe desde a Incarnação e sobretudo desde o Calvário e, como deseja ardentemente a nossa felicidade, pede a seu Divino Filho que nos deixe estar mais tempo sobre a terra para nos arrependermos dos nossos peccados e assim poderemos salvar as nossas almas. Ao desejo da nossa felicidade em Nossa Senhora corresponde em nós um desejo igual. Mas ás vezes, obcecados pelas paixões, julgamos ver e pretendemos achar a felicidade onde ella não existe. Não a encontraremos nunca nos prazeres, nas honras e nas riquezas da terra, nem na satisfação das nossas inclinações perversas. A nossa verdadeira felicidade consiste em sermos bons, e seremos bons se cumprimos fielmente os mandamentos da lei de Deus e da Igreja e os deveres do próprio estado. Jámais, porém, teremos uma felicidade completa senão no Céu.

Por isso muitas vezes, quando pedimos á Santissima Virgem que nos conceda os bens da terra, como, por exemplo, a saude, ella não attende as nossas supplicas. Quem sabe se, gosando saude, não abusariamos della para offender a Deus, transgredindo a sua santa lei? Mas, embora nos não dispense a graça que imploramos, dá-nos outra ainda melhor, incomparavelmente mais util para nós, como, por exemplo, aos doentes a resignação christã e a plena conformidade com a vontade de Deus no meio dos seus soffrimentos.

Ella está sempre intercedendo por nós para suspender o braço da justiça de seu Divino Filho.

Não raro, vendo os abusos que os homens commettem e a resistencia que fazem ás suas inspirações, digna-se descer á terra, para communicar os seus segredos a pobres, humildes e innocentes creaturinhas, como em La Salette, em Lourdes e talvez tambem em Fátima.

Ella vem até nós para nos intimar a deixarmos a senda do mal e a pensarmos a sério no negocio mais importante da nossa vida, que é a salvação eterna. Aqui, como em Lourdes, a todos recommenda que façam penitencia e que rezem o terço pela conversão dos peccadores. Ella quer, pois, sobretudo, a nossa emenda, o nosso bem espirital, a nossa salvação. E' esse o fim que tem em vista e é esse tambem o fim que aqui nos traz. Devemos querer ser melhores do que somos para agradarmos cada vez mais á Augusta Rainha do Céu.

Se temos a nossa consciencia em paz e estamos já em graça de Deus, cumpre-nos diligenciar ser melhores de dia para dia.

Se temos a desgraça de estar em peccado mortal, devemos confessar-nos sem demora, porque não sabemos se Deus haverá por bem conceder-nos mais um dia ou mais uma hora de vida. E' isto precisamente que Nossa Senhora deseja. Muitos peregrinos veem aqui agradecer beneficios recebidos. Mas não basta. Devemos querer e procurar ser cada vez mais perfeitos.

A peregrinação á Fátima não é uma viagem de recreio. O seu objectivo é a nossa conversão ou o nosso maior aperfeiçoamento moral. Para isso é mister trilhar o caminho recto traçado pelos dez preceitos do Decalogo que se cifram em dois: amar a Deus sobre todas as cousas e amar o próximo como a nós mesmos. E, se alguém tiver a infelicidade de peccar gravemente, recorra á oração, arrependa-se do seu peccado e faça uma confissão bem feita, profundo firmemente nunca mais peccar. Peçamos a Nossa Senhora auxilio contra as tentações, contra as nossas más tendencias, contra os ataques do demónio, do mundo e da carne e seremos vencedores.

Digamos-lhe que queremos salvar a nossa alma, envidemos todos os esforços para o conseguir e ella não nos abandonará.

Deus creou-nos livres, podemos abusar da nossa liberdade, e mesmo aquelles que obtiveram graças assinaladas podem perder-se. A luta que temos de sustentar é por vezes bastante violenta. Para nos salvarmos, pois, é mister que o queiramos a valer, e só então é que teremos o direito de contar com a graça de Deus e com a protecção de Nossa Senhora. Praza ao Céu que todos os que se encontram agora aqui presentes tenham a ventura de se tornarem a encontrar um dia reunidos no Céu.

O distinto orador concluiu o sermão annunciando que o tinha pregado em cumprimento de uma promessa feita por uma piedosa mãe de familia que alcançara por intercessão de Nossa Senhora de Fátima uma graça assignalada para um filho muito querido.

Logo depois do sermão começou a chover torrencialmente, o que fez debandar mais depressa a enorme multidão de peregrinos que estacionavam junto da capella rezando as suas orações ou rodeavam a fonte maravilhosa para fazerem provisão da água salutar que jorrou com abundancia do chão arido da serra depois da primeira missa campal.

Visconde de Montello

Preces e canticos collectivos dos peregrinos durante a missa na Cova da Iria

Antes da missa o *Credo* de Lourdes. Emquanto o celebrante se paramenta o *Salvé, nobre Padroeira*. Durante a missa o terço do rosário. Depois de cada mysterio a jaculatoria dos videntes, já approvada pela auctoridade ecclesiastica: *Meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e alliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas*.

A' consagração da hostia: *Eu vos adoro, Santissimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Céu.* Ao levantar da Hostia: *Meu Senhor e meu Deus*. A' consagração do Calix: *Eu vos adoro, preciosissimo Sangue, Corpo, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como estaes no Céu.* Ao levantar do Calix: *Meu senhor e meu Deus*. Logo em seguida as invocações:

— Senhor, nós Vos adoramos!

— Senhor, nós temos confiança em Vós!

— Senhor, nós Vos amamos!
— Hosanna, Hossanna ao Filho de David!

— Bemdito seja O que vem em nome do Senhor!

— Vós sois Jesus Christo, Filho de Deus vivo!

— Vós sois o meu Senhor e o meu Deus!

— *Adoremus in aeternum Sanctissimum Sacramentum.* (Cantado).

— Senhor, cremos em Vós, mas augmentai a nossa fé.

— Vós sois a resurreição e a vida!

— Salvai-nos, Jesus, aliás perecemos!

— Senhor, se o quizerdes, podeis curar-me!

— Senhor, dizei só uma palavra e serei curado!

— Jesus, Filho de Maria, tende piedade de mim!

— Jesus, Filho de David, tende piedade de nós!

— *Parce Domine, parce populo tuo, ne in aeternum irascaris nobis* (cantado).

— Oh! Deus vinde em nosso auxilio, vinde depressa socorrer-nos!

— Senhor, aquele a quem amais está doente!

— Senhor, fazei que eu veja!

— Senhor, fazei que eu ande!

— Senhor, fazei que eu ouça!

— Mãe do Salvador, rogae por nós!

— Saude dos enfermos, rogae por nós!

A' communhão: *« Senhor, eu não sou digno que vós entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva. »* (Três vezes, rezado e cantado).

O *« Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia, fructo do ventre sagrado da Virgem Purissima, Santa Maria »*. Depois da communhão as invocações a Nossa Senhora:

— Bemdita seja a Santa e Imaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria, Mãe de Deus!

— Nossa Senhora do Rosário, rogai por nós! (3 vezes).

— Minha Mãe Santissima, tende piedade de nós! (3 vezes).

— Nossa Senhora do Rosário, dai-nos saude por amor e para glória da Santissima Trindade! (3 vezes).

— Nossa Senhora do Rosário, convertei os peccadores! (3 vezes).

— Saude dos enfermos, rogae por nós. (3 vezes).

— Socorro dos doentes, rogae por nós! (3 vezes).

— O' Maria, concebida sem peccado, rogae por nós que recorremos a Vós! (3 vezes).

— Nossa Senhora do Rosário, salvae-nos e salvae Portugal!

— Avé-Marias e orações finaes.
Hymnos de N. Senhora da Fátima.
Sermão, Hymnos e *Queremos Deus*.

NOTA—As jaculatorias acima mencionadas são as únicas que por ordem da autoridade ecclesiastica devem ser recitadas publicamente na Cova da Iria e além das indulgências que lhes estão anexas pela autoridade apostolica, concede o sr. Bispo de Leiria 50 dias a quem lá as recitar.